

CENTRO UNIVERSITÁRIO BRASILEIRO - UNIBRA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

LUCCA JACÓ OLIVEIRA NOGUEIRA
WERIKSON RÓJERIS LIRA DO NASCIMENTO
YAGO COSTA ROLIM

**Estratégias psicomotoras para crianças com TEA na Educação Física
escolar**

RECIFE/2025

**LUCCA JACÓ OLIVEIRA NOGUEIRA
WERIKSON RÓJERIS LIRA DO NASCIMENTO
YAGO COSTA ROLIM**

**Estratégias psicomotoras para crianças com TEA na Educação Física
escolar**

Trabalho de conclusão de curso
apresentado à Disciplina TCC II do
Curso de Licenciatura em Educação
Física do Centro Universitário Brasileiro
- UNIBRA, como parte dos requisitos
para conclusão do curso.

Orientadora: Prof.^a Me. Jéssica
Gonçalves

RECIFE
2025

LUCCA JACÓ OLIVEIRA NOGUEIRA
WERIKSON RÓJERIS LIRA DO NASCIMENTO
YAGO COSTA ROLIM
Estratégias psicomotoras para crianças com TEA na Educação Física
escolar

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Disciplina TCC II do Curso de Licenciatura em Educação Física do Centro Universitário Brasileiro - UNIBRA, como parte dos requisitos para conclusão do curso.

Examinadores:

Orientadora Prof.^a Me. Jéssica Gonçalves

Examinador 1 – Titulação

Examinador 2 - Titulação

Nota: _____

Data: ____/____/____

Dedicamos este trabalho às nossas famílias, por todo o apoio, amor e incentivo em cada etapa dessa caminhada.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela vida e pela direção em cada passo.

Aos nossos pais e demais familiares, pela presença constante e apoio incondicional.

A nossa orientadora Prof^ª. Jéssica Gonçalves, pela escuta atenta, pelas orientações precisas e pelo incentivo permanente, conduzindo este trabalho com firmeza e sensibilidade.

À comunidade acadêmica da UNIBRA, pelo ambiente de estudo e pesquisa.

Aos colegas de graduação, pela parceria, troca de conhecimentos, amizade e companheirismo nas dificuldades e conquistas compartilhadas.

“O corpo é o nosso meio geral de ter um mundo”

Maurice Merleau-Ponty

(Fenomenologia da Percepção)

RESUMO

Mapear o desempenho psicomotor de crianças com TEA é vital para que professores de Educação Física planejem intervenções adaptadas, promovendo a práxis motora e ganhos comunicativos, cognitivos, emocionais e sociais. Nesse contexto, o presente estudo tem como objetivo analisar estratégias psicomotoras que possam ser aplicadas nas aulas de Educação Física para favorecer o desenvolvimento da práxis motora em crianças com TEA. A metodologia adotada será a revisão integrativa da literatura, com o intuito de reunir e analisar publicações científicas relevantes sobre o tema. A busca será realizada nas bases de dados Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) e *US National Library of Medicine* (PubMed), abrangendo publicações indexadas entre 2020 e 2025 nos idiomas português, inglês e espanhol, que abordem intervenções psicomotoras no desenvolvimento motor de crianças com autismo. Os resultados apontaram que intervenções psicomotoras estruturadas, aplicadas em diferentes formatos como jogos escolares, circuitos motores, artes marciais e atividades de Educação Física adaptada favorecem de maneira consistente o desenvolvimento da coordenação, do equilíbrio, da práxis ideacional e da participação social de crianças com TEA. Evidenciou-se ainda que programas sistematizados de prática corporal impactam positivamente o comportamento socioemocional e ampliam as possibilidades de interação e autonomia no ambiente escolar, embora a heterogeneidade do espectro exija individualização nas propostas pedagógicas. Conclui-se que a Educação Física constitui um espaço privilegiado para potencializar o desenvolvimento integral de crianças com TEA, desde que ancorada em práticas psicomotoras planejadas e adaptadas.

Palavras-Chaves: Transtorno do Espectro Autista, Psicomotricidade, Práxis Motora, Educação Física, Escola.

ABSTRACT

Mapping the psychomotor performance of children with ASD is vital for Physical Education teachers to plan tailored interventions that promote motor praxis and communicative, cognitive, emotional, and social gains. In this context, this study aims to analyze psychomotor strategies that can be applied in Physical Education classes to promote the development of motor praxis in children with ASD. The methodology adopted will be an integrative literature review, aiming to gather and analyze relevant scientific publications on the topic. The search will be conducted in the Virtual Health Library (VHL), Scientific Electronic Library Online (SciELO), and US National Library of Medicine (PubMed) databases, covering publications indexed between 2020 and 2025 in Portuguese, English, and Spanish that address psychomotor interventions in the motor development of children with autism. The results showed that structured psychomotor interventions, implemented in different formats such as school games, motor circuits, martial arts, and adapted Physical Education activities, consistently promote the development of coordination, balance, ideational praxis, and social participation in children with ASD. It was also evident that systematized physical practice programs positively impact socioemotional behavior and expand the possibilities for interaction and autonomy in the school environment, although the heterogeneity of the spectrum requires individualization in pedagogical proposals. It is concluded that Physical Education constitutes a privileged space for enhancing the comprehensive development of children with ASD, as long as it is anchored in planned and adapted psychomotor practices.

Keywords: Autism Spectrum Disorder, Psychomotricity, Motor Praxis, Physical Education, School.

SUMÁRIO

1. Introdução	09
2 Materiais e métodos.....	10
3 Resultados e discussão.	11
4 Conclusões	11
Referências.....	16

1. Introdução

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição do neurodesenvolvimento que afeta, em diferentes níveis, as habilidades de comunicação, comportamento e interação social. O TEA é caracterizado por déficits precoces nas áreas sociocomunicativas e pela presença de padrões restritos e repetitivos de comportamento¹. Esses comprometimentos impactam diretamente a capacidade da criança de lidar com situações novas e ambientes estimulantes, como escolas, atividades recreativas e sociais. Crianças com TEA, frequentemente, não se sentem confortáveis em locais com muitos estímulos visuais e sonoros, apresentando resistência a mudanças e preferência por rotinas previsíveis².

Pinheiro et al.³ ressalta que nos primeiros anos de vida, sinais como a ausência de contato visual, a dificuldade de compartilhamento de atenção e a comunicação não verbal prejudicada podem ser observados. Esses comportamentos indicam alterações importantes nos marcos do desenvolvimento o que torna a identificação precoce e o planejamento de intervenções adequadas fundamentais para minimizar os impactos do transtorno ao longo da vida da criança³.

Além dos aspectos sociais e cognitivos, o TEA afeta significativamente o desenvolvimento motor. Crianças com esse diagnóstico podem apresentar dificuldades no planejamento, na coordenação e na execução de movimentos, o que impacta diretamente a práxis motora⁴. A práxis é definida como a capacidade de idealizar, organizar e realizar ações motoras complexas, sendo essencial para o desempenho de atividades do cotidiano. Quando comprometida, pode limitar a autonomia da criança e restringir sua participação em interações sociais e atividades escolares⁵.

É nesse contexto que a psicomotricidade passa a ser relevante. De acordo com a Associação Brasileira de Psicomotricidade, as práticas psicomotoras são importantes para estimular o desenvolvimento global da criança, contribuindo para a maturação de funções cognitivas, emocionais e sociais⁶. Ataíde et al.⁴ complementam que a psicomotricidade parte da premissa de que corpo e mente estão interligados e que o movimento é um meio privilegiado de aprendizagem. Para Melo et al.⁸, esse campo transdisciplinar analisa as influências recíprocas entre o psiquismo e a motricidade, promovendo o autoconhecimento corporal e o domínio do próprio corpo no espaço^{4,7}.

Ao longo da história, a concepção da psicomotricidade evoluiu, passando de uma visão mecanicista para uma abordagem integradora, na qual o corpo não é apenas um instrumento de ação, mas parte integrante do processo de relação com o mundo³. Assim, na educação infantil e no ensino fundamental, o trabalho psicomotor favorece o desenvolvimento de competências essenciais como equilíbrio, lateralidade, esquema corporal, orientação espacial e temporal, elementos indispensáveis para o desenvolvimento da práxis motora⁸.

A práxis motora, portanto, está diretamente relacionada à capacidade da criança de participar ativamente de atividades físicas e lúdicas, sendo um elemento crucial para sua autonomia e qualidade de vida⁴. Para crianças com TEA, que enfrentam desafios motores, cognitivos e sensoriais, o estímulo à práxis motora pode favorecer não apenas o desenvolvimento físico, mas também a autoconfiança, a socialização e a inclusão no ambiente escolar. Atividades específicas, planejadas e adaptadas às suas necessidades são fundamentais para esse avanço⁹.

No âmbito da Educação Física escolar, o trabalho com crianças com TEA ainda apresenta barreiras, principalmente em função da falta de formação específica dos professores para lidar com a diversidade presente em sala de aula. A ausência de estratégias adequadas compromete a efetividade das intervenções e limita a participação desses alunos nas aulas¹⁰. Soares et al.¹ ressalta que a psicomotricidade deve ser compreendida como uma aliada pedagógica capaz de potencializar a aprendizagem e a inclusão de crianças com necessidades específicas no ambiente escolar.

Dessa forma, a Educação Física adaptada surge como uma ferramenta importante no processo de inclusão e desenvolvimento da práxis motora. Através de estratégias psicomotoras, como circuitos motores, jogos simbólicos, atividades de equilíbrio e coordenação, é possível criar um ambiente de aprendizagem acessível, motivador e significativo. Tais práticas devem considerar o ritmo e as particularidades de cada criança, promovendo experiências positivas e respeitando suas limitações sensoriais e emocionais⁷.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) reforça a importância da inclusão e da valorização da diversidade no contexto escolar, destacando que a Educação Física deve contribuir para a formação integral dos estudantes, promovendo competências socioemocionais e motoras¹¹. Para crianças com TEA, isso significa criar condições para que desenvolvam a consciência corporal, o respeito às regras e ao próximo, e a capacidade de se expressar por meio do movimento⁷. A BNCC reconhece o corpo como linguagem e entende a prática corporal como um direito de todos os estudantes¹².

Portanto, refletir sobre o desenvolvimento da práxis motora nas aulas de Educação Física, a partir de estratégias psicomotoras, representa um avanço na construção de práticas pedagógicas mais inclusivas¹⁰.

Considerar as especificidades das crianças com TEA é essencial para garantir não apenas o direito à educação, mas também o direito ao brincar, ao se movimentar e ao pertencer. A escola tem papel decisivo na promoção de uma cultura de inclusão, e a Educação Física, enquanto disciplina que lida diretamente com o corpo e o movimento, precisa ser protagonista nesse processo¹.

O desenvolvimento motor é essencial para a autonomia e a aprendizagem infantil, mas em crianças com TEA pode ser comprometido por dificuldades de coordenação e planejamento motor, limitando sua participação escolar. A falta de estratégias adaptadas na Educação Física acentua essas barreiras, enquanto a psicomotricidade pode promover inclusão e desenvolvimento⁷. Assim, este estudo justifica-se pela necessidade de ampliar práticas pedagógicas que favoreçam a práxis motora e a formação de profissionais mais preparados para atender esse público.

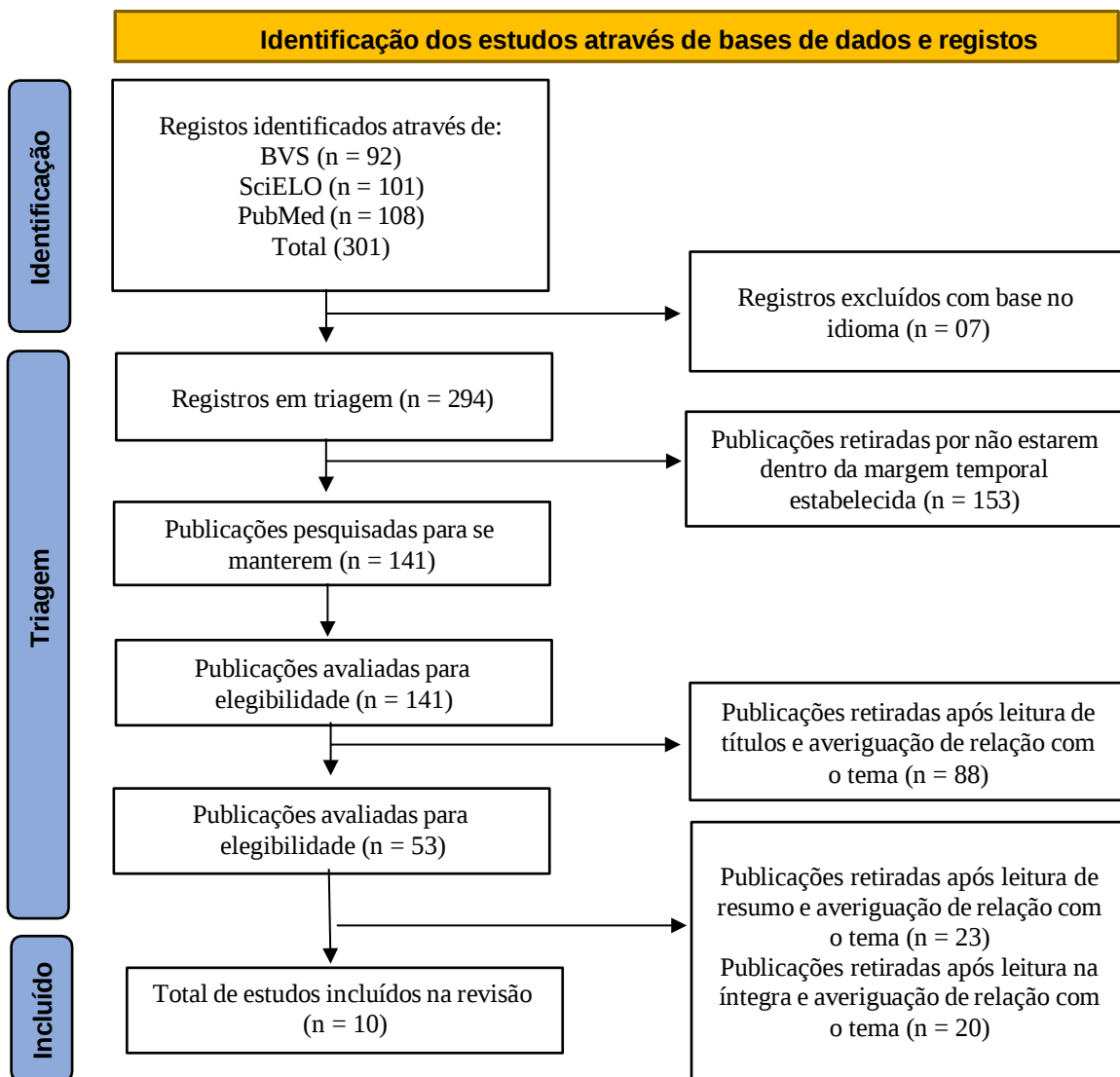
O objetivo desse estudo foi analisar estratégias psicomotoras que possam ser aplicadas nas aulas de Educação Física para favorecer o desenvolvimento da práxis motora em crianças com TEA.

2. Material e Métodos

Realizou-se uma revisão integrativa de literatura, voltada a identificação, descrição e síntese de estratégias psicomotoras aplicadas (ou aplicáveis) às aulas de Educação Física escolar para crianças com TEA. A pergunta norteadora foi: *como a psicomotricidade pode ser utilizada para reorganizar as práticas pedagógicas e favorecer a inclusão efetiva de crianças com TEA no contexto escolar?* As buscas pelos artigos foram realizadas nas bases Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) e *US National Library of Medicine* (PubMed), contemplando publicações indexadas entre 2020 e 2025 nos idiomas português, inglês e espanhol. Para localização das publicações, foram utilizados descritores DeCS/MeSH e seus sinônimos combinados, ajustados a cada base: “*Transtorno do Espectro Autista/Autism Spectrum Disorder*”, “*Psicomotricidade/Psychomotor Performance/Motor Skills*”, “*Práxis Motora*”, “*Educação Física/Physical Education*”, “*Escola/Schools*”.

Foram incluídos artigos originais (ensaios, quase-experimentos, estudos observacionais ou estudos teóricos com descrição estruturada de intervenção/estratégia) que: (a) abordassem crianças com TEA em idade escolar (educação infantil e/ou ensino fundamental); (b) descrevessem estratégias psicomotoras voltadas a práxis motora, coordenação, equilíbrio, esquema corporal, lateralidade e/ou orientação espaço-temporal; (c) fossem realizados no ambiente escolar ou transferíveis ao contexto da Educação Física escolar; (d) estivessem disponíveis na íntegra em português, inglês e espanhol entre os anos de 2020 a 2025. Excluíram-se artigos duplicados, comentários, editoriais, cartas, resumos de congresso, revisões narrativas/escopos sem dados primários e estudos fora do período/idiomas definidos ou indisponíveis na íntegra. A triagem ocorreu em duas etapas: (1) leitura de títulos e resumos; (2) leitura na íntegra dos textos potencialmente elegíveis. Divergências foram resolvidas por consenso entre os autores. O fluxo PRISMA 2020 (Figura 1) documentou identificação, triagem, elegibilidade e inclusão dos estudos.

Figura 1 – Fluxograma de coleta de dados



Fonte: Autores, 2025

3. Resultados e Discussão

No Quadro 1 estão descritos os 10 artigos selecionados para discussão conforme autor(es), ano de publicação, objetivo do estudo, amostra e principais resultados.

Quadro 1: Resultados encontrados no levantamento bibliográfico.

AUTORES (ANO)	OBJETIVO DO ESTUDO	TIPO DE ESTUDO	AMOSTRA	PRINCIPAIS RESULTADOS
Bem Hassen et al., 2023 ²	Investigar a eficácia do treinamento psicomotor no controle postural (CP) de crianças com TEA.	Ensaio com alocação aleatória	trinta crianças com diagnóstico de TEA	O estudo indica que 9 semanas de reabilitação psicomotora melhoram de forma significativa o controle postural estático de crianças com TEA, com efeitos dependentes da condição visual e associação com a gravidade clínica.

Melo et al., 2020 ⁷	Avaliar o desenvolvimento de crianças com TEA, através do uso da psicomotricidade nas aulas de atividades físicas adaptada	Pesquisa de Campo, Descritiva e de natureza Qualitativa	04 (quatro) crianças na faixa etária de 07 (sete) a 12 (doze) anos	O estudo indica que a inserção sistemática da psicomotricidade em aulas de educação física adaptada pode promover ganhos expressivos no desenvolvimento global de crianças com TEA, tornando-se um recurso pedagógico de grande relevância para favorecer integração social, motora e afetiva.
Fontes et al., 2020 ⁹	Verificar os efeitos de um programa de jiu-jitsu na coordenação motora de crianças com TEA.	Estudo transversal	Seis crianças, na faixa etária de 7-12 anos	O estudo apontou que a prática de jiu-jitsu influenciou positivamente a coordenação motora das crianças. Apesar disso, a coordenação motora foi classificada como insuficiente
Kilroy et al., 2022 ¹³	Estudo compara jovens com TEA, transtorno do desenvolvimento da coordenação (TDC) e desenvolvimento típico (DT) em uma série de habilidades sociais, práticas e motoras, e investigar a relação entre essas habilidades em cada grupo.		96 participantes com idades entre 8 e 17 anos (n = 33 com TEA, n = 28 com TDC, n = 35 com DT)	Ao controlar as deficiências de desempenho social e motor, o grupo com TEA apresentou precisão significativamente menor na imitação de gestos significativos e no gesto de comando, indicando um déficit proeminente nessas habilidades de práxis no TEA
Crucitti; Hyde; Stokes, 2020 ¹⁴	Comparar o desempenho prático de crianças autistas com o de pares com desenvolvimento típico e investigar em que medida diferenças de controle motor básico e funcionamento adaptativo explicam variações nessas habilidades.	Estudo comparativo transversal	38 crianças autistas e 38 com desenvolvimento típico com idades entre quatro e 10 anos.	O estudo indicou que as habilidades de práxis em crianças autistas são heterogêneas e fortemente influenciadas por controle motor e funcionamento adaptativo. Déficits mais robustos concentram-se no uso de ferramentas e em subgrupos com maiores dificuldades adaptativas, destacando a necessidade de avaliação estratificada e de intervenções precoces direcionadas para componentes práxicos específicos.
Serrada-Tejeda et al., 2021 ¹⁵	Examinar se a práxis ideacional (capacidade de gerar ideias de ação	Estudo descritivo, transversal	40 crianças de 4 a 6 anos (20 com desenvolvimento	O estudo apontou que a práxis ideacional é um determinante consistente

	com objetos) se relaciona ao desenvolvimento do brincar e ao comportamento adaptativo (lazer e interação social) em crianças com TEA.		típico; 20 com TEA)	do brincar e do lazer adaptativo em crianças com TEA, enquanto a interação social parece depender de fatores adicionais. Para a prática clínica e educacional, a avaliação específica da ideação e intervenções precoces focadas em gerar e variar ideias de ação com objetos emergem como caminhos promissores para ampliar participação, segurança e autonomia no cotidiano infantil
Dimitrios et al., 2024 ¹⁶	Investigar fatores que influenciam o comportamento socioemocional de crianças com TEA, com destaque para o efeito da desajeitidão/torpeza psicomotora e para o papel moderador do nível de funcionamento do autismo	Inquérito quantitativo, correlacional e transversal	152 docentes que responderam sobre alunos com TEA (maioria meninos, 8–14 anos)	O estudo mostrou que a torpeza psicomotora em contextos dinâmicos está ligada a pior desempenho socioemocional em crianças com TEA, com efeitos modulados pelo nível de funcionamento; por outro lado, atividade física escolar e brincadeira em grupo associam-se a mais exploração, paralelismo, cooperação e companheirismo. Intervenções que integrem treino motor progressivo e participação lúdica coletiva despontam como estratégia promissora para otimizar competências sociais e reduzir comportamentos autísticos.
Zourmand; Pavlović; Taheri, 2024 ¹⁷	Investigou o impacto de jogos escolares no desenvolvimento de habilidades motoras em crianças com TEA	Estudo transversal	80 alunos do ensino fundamental, com idades entre 11 e 12 anos diagnosticados com TEA	O programa baseado em jogos melhorou efetivamente as habilidades motoras em crianças com TEA, destacando a importância de programas personalizados de movimento e esportes para apoiar seu desenvolvimento físico, cognitivo e social.
Musiyenko; Chopyk; Kizlo, 2020 ¹⁸	Estabelecer o impacto das aulas de educação física adaptativa, de acordo com o método	Estudo transversal	6 crianças com 5-7 anos de idade e diagnóstico de autismo	As aulas de educação física adaptativa, de acordo com o método proposto, permitiram que

	proposto, nas habilidades motoras e no comportamento de crianças com transtornos do espectro autista e na qualidade de vida de suas famílias.			crianças com autismo superassem a maioria dos distúrbios motores, o que era um pré-requisito para melhorar a atividade nervosa e o comportamento. Foi estabelecida uma melhora significativa da condição psicofísica das crianças como resultado do emprego, bem como um aumento na qualidade de vida.
Cadore et al., 2022 ¹⁹	Avaliar o déficit de equilíbrio em crianças com transtorno do espectro autista em uma cidade localizada no interior do Rio Grande do Sul.	Estudo transversal, descritivo	11 crianças com idade entre 3 e 14 anos	O estudo indica que crianças com TEA apresentam alterações de equilíbrio associadas a déficits em praxia global e a outros domínios psicomotores, com baixo risco de quedas no <i>Timed Up and Go</i> (TUG), mas pior desempenho na Tinetti. A integração entre avaliação postural e praxias mostra-se crucial para orientar intervenções motoras precoces e multidimensionais.

Fonte: Autores, 2025

A práxis motora, entendida como a capacidade de planejar, organizar e executar ações orientadas a um propósito, constitui um construto integrador que articula componentes perceptivos, cognitivos e motores. Em idade escolar, sua expressão concreta sustenta tarefas cotidianas como escrever, manipular objetos, brincar, correr e, portanto, a participação acadêmica e social. No TEA, alterações na coordenação, no equilíbrio e no planejamento motor representam um eixo de vulnerabilidade funcional que se manifesta em menor engajamento e maior frustração durante atividades corporais, justificando a centralidade desse domínio em programas de Educação Física adaptada¹³.

Do ponto de vista pedagógico, a Educação Física é um contexto privilegiado para o desenvolvimento da práxis: pelo movimento, a criança explora o corpo, internaliza regras e constrói vínculos. Nessa revisão integrativa, são apontadas evidências de que intervenções corporais estruturadas psicomotoras, esportivizadas ou artes marciais são factíveis em ambiente escolar e produzem ganhos mensuráveis em múltiplos desfechos motores, com magnitudes que variam conforme desenho metodológico, dose de treino e perfil funcional dos participantes^{2,7,9}.

No plano das intervenções psicomotoras clássicas, Ben Hassen et al.² demonstraram que um programa estruturado de reabilitação psicomotora melhora o controle postural em crianças com TEA, reduzindo oscilações e ampliando estabilidade funcional. Ainda que os detalhes de carga e progressão variem entre estudos, o traço comum é a combinação de tarefas de percepção do corpo e integração visuoespacial, sugerindo que circuitos graduados (estático–dinâmicos) e apoios visuais explicitam rotas de melhoria na Educação Física escolar².

Em sintonia, Melo et al.⁷ relataram, em abordagem qualitativa com amostra reduzida, ganhos progressivos em esquema corporal, noção espacial e coordenação global quando a psicomotricidade foi inserida de modo sistemático nas aulas adaptadas. Os autores notaram evolução mais lenta no equilíbrio, o que reforça a necessidade de progressões específicas (tarefas estático–dinâmicas, uso de pistas visuais, prática em dupla) — decisões didáticas que dialogam diretamente com a heterogeneidade do TEA⁷.

A diversificação metodológica para além dos jogos psicomotores encontra suporte em Fontes et al.⁹, que avaliaram o jiu-jitsu como prática corporal adaptada. Após oito meses de intervenção, observaram-se melhorias significativas no equilíbrio e no quociente motor geral. O caráter técnico-estruturado da arte marcial, repetição deliberada, desafios lúdicos e regras claras, parece oferecer um “andaimar” motor eficaz, embora a insuficiência motora global persista em parte dos participantes, sinalizando a necessidade de alinhamento fino entre tarefa e perfil funcional⁹.

No nível conceitual, a práxis envolve tanto a motricidade fina (manipulação, grafomotricidade, abotoar) quanto a motricidade global (locomotores, saltos, equilíbrio). Uma proposta curricular sensível ao TEA precisa equilibrar ambas as dimensões, oferecendo rotas de progressão que integrem coordenação olho-mão, estabilização tônico-postural e planejamento sequencial, de modo a sustentar a transferência para atividades acadêmicas e de autocuidado¹³⁻¹⁵.

A especificidade praxia no TEA foi salientada por Kilroy et al.¹³: mesmo controlando desempenho motor geral e variáveis sociais, crianças com TEA, em comparação a pares com TDC, exibem déficits mais pronunciados em imitação e execução de gestos significativos. Para a Educação Física, isso implica desenhar tarefas que ultrapassem o treino coordenativo “puro”, incorporando imitação estruturada, planejamento de ações e uso funcional de gestos¹³.

A heterogeneidade do espectro foi examinada por Crucitti, Hyde e Stokes¹⁴, que encontraram padrões distintos conforme o contexto escolar e o funcionamento adaptativo: alunos de escolas especializadas apresentaram prejuízos robustos em praxia e controle motor, ao passo que autistas da comunidade se aproximaram de pares típicos após ajustes. Essa nuance reforça que o “quanto” e o “como” intervir dependem do nível de funcionamento e do ambiente educacional, defendendo planos individualizados¹⁴.

No domínio da praxia ideacional, Serrada-Tejeda et al.¹⁵ mostraram que limitações na geração e encadeamento de ideias motoras restringem o brincar e o comportamento adaptativo em atividades de lazer (sem impacto direto, contudo, na interação social). Em termos curriculares, esse achado aconselha ampliar repertórios lúdicos, fomentar solução de problemas motores e variar materiais e contextos para sustentar criatividade e autonomia¹⁵.

Como campo transdisciplinar, a psicomotricidade integra dimensões afetivas, cognitivas e motoras.

Intervenções que modulam ritmo, lateralidade, estruturação espaço-temporal e organização tônico-postural favorecem não apenas métricas de desempenho, mas também a identidade corporal e a autoconfiança — elementos que mediam a participação e a persistência de crianças com TEA diante de tarefas desafiadoras¹⁶⁻¹⁸.

A ponte entre dificuldades psicomotoras e comportamento socioemocional foi explorada por Dimitrius et al.¹⁶, em inquérito transversal com professores de educação especial. Dificuldades mais acentuadas emergiram em tarefas sob ambiente em mudança, e pior psicomotricidade associou-se a maiores traços autísticos e menor cooperação/companheirismo. A prática regular de atividade física escolar e a preferência por jogos em grupo correlacionaram-se positivamente com indicadores sociais. Embora o desenho transversal e o uso de autorrelatos imponham cautela causal, o estudo oferece racional forte para intervenções grupais estruturadas na Educação Física como alavancas de benefícios socioemocionais¹⁶.

Na direção de ensaios com medidas objetivas, Zourmand, Pavlović e Taheri¹⁷ realizaram um estudo quase-experimento escolar (pré/pós com controle) e reportaram ganhos significativos em múltiplos domínios do Bruininks-Oseretsky (corrida/agilidade, equilíbrio, coordenação bilateral, força; tempo de reação, controle visuomotor, destreza manual) após sessões estruturadas de jogos. Apesar de inconsistências de relato sobre dose e amostra, os tamanhos de efeito variaram de moderados a grandes, sinalizando que jogos escolares planejados são ecologicamente válidos, de baixo custo e potencialmente escaláveis¹⁷.

Por sua vez, Musiyenko, Chopyk e Kizlo¹⁸ avaliaram uma metodologia de Educação Física adaptada em meninos com TEA de baixo funcionamento, com sessões individuais 2×/semana. Relataram melhora nas tarefas motoras, redução de estereotípias e autolesão, maior atenção e elevação de indicadores proxy de qualidade de vida. A despeito da amostra diminuta, ausência de randomização e dependência de julgamentos periciais (alto risco de viés), a direção dos efeitos é coerente com a literatura e ilustra hipóteses de eficácia quando a intervenção combina feedback proprioceptivo, treino de imitação e tarefas funcionais¹⁸.

No plano da avaliação funcional integrada, Cadore et al.¹⁹ caracterizaram o equilíbrio e a organização práxica em crianças com TEA por meio de baterias padronizadas (por exemplo, BPM, TUG, Tinetti), evidenciando interdependência entre equilíbrio, componentes tônico-posturais, consciência corporal e praxias global e fina. Esses achados reforçam que déficits não se apresentam de forma isolada; antes, configuram padrões interligados que demandam intervenções multicomponentes¹⁹.

Em termos de mecanismos prováveis, três eixos explicam os benefícios observados: (I) prática repetida e variabilidade de tarefas que consolidam representações motoras; (II) suportes perceptivos (pistas visuais, manipulação de objetos, andaimagem do gesto) que reduzem a carga de planejamento; e (III) contextos grupais

estruturados que catalisam imitação, regulação emocional e cooperação, com externalidades positivas sobre participação social¹³⁻¹⁶. Para a prática escolar, os dados sustentam um modelo escalonado de intervenção: iniciar por estabilização tônico-postural e equilíbrio (déficits mais persistentes), progredir para coordenação bilateral e controle visuomotor, e incorporar planejamento sequencial e imitação por meio de jogos estruturados, artes marciais adaptadas e tarefas funcionais tais como encadeamento de ações do cotidiano. A dose sugerida pelos estudos situa-se em 2–3 sessões/semana com progressões explícitas e registro de desempenho^{2,7,18-19}.

É importante salientar que a práxis motora, no TEA, não se limita ao “saber fazer” motor; envolve atribuição de sentido, antecipação de etapas e adaptação contextual. A Educação Física, ao incorporar princípios psicomotores e estratégias baseadas em evidência, contribui para o direito à participação e para a experiência escolar significativa. O conjunto dos estudos aqui discutidos, com diferentes níveis de evidência, caminham na mesma direção: intervenções corporais estruturadas são viáveis, promovem ganhos motores e podem irradiar efeitos socioemocionais relevantes, um horizonte promissor que pede ensaios controlados, relatórios transparentes de dose e acompanhamento longitudinal para consolidar recomendações de prática¹⁶⁻¹⁹.

4. Conclusão

A inclusão escolar de crianças com TEA requer estratégias pedagógicas que articulem desenvolvimento motor, social e emocional, de modo a favorecer não apenas a aprendizagem, mas também a participação e a autonomia. Nesse cenário, a Educação Física se destaca como espaço privilegiado para a aplicação de práticas psicomotoras, pois integra movimento, regras, cooperação e vivências corporais significativas.

Os estudos analisados nesta revisão demonstraram que intervenções psicomotoras estruturadas, sejam elas baseadas em circuitos motores, jogos escolares, artes marciais ou metodologias adaptadas, apresentam efeitos positivos no equilíbrio, na coordenação, na ideação motora e no comportamento socioemocional de crianças com TEA.

5. Referências

1. Soares IVA, Oliveira IL, Rodrigues TSC, Silva AR, Oliveira TS, Sousa MC. O Transtorno do espectro autista: aspectos clínicos e epidemiológicos. *Braz J Implantol Health Sci*. 2024;6(4):1116-30.
2. Ben Hassen I, Khacharem A, Chaari N, Jarraya M, Selmi O. Intervention based on psychomotor rehabilitation in children with autism spectrum disorder ASD: effect on postural control and sensory integration. *Children*. 2023;10(9):1480.
3. Pinheiro BMS, Sousa FCS, Silva M, Araújo RS. A importância da estimulação psicomotora para crianças com transtorno do espectro autista (TEA). *Hum Soc Dev Rev*. 2022;3(1):0-0.
4. Ataíde CER, Ferreira RS, Almeida JSS, Martins LCS, Rocha JF. Estudo comparativo acerca do desempenho motor entre grupo controle e crianças com transtorno do espectro autista (TEA). *Rev Interinst Bras Ter Ocup-REVISBRATO*. 2023;7(1):1558-74.
5. Carvalho MCL, Resende EB. Desempenho psicomotor em pessoas com transtorno do espectro autista: revisão sistemática. *Rev Psicopedagogia*. 2023;40(121):94-102.
6. Associação Brasileira de Psicomotricidade (ABP). Disponível em: <https://psicomotricidade.com.br/>. Acesso em: 2025 Mai 5.
7. Melo JS, Lima RFS, Barbosa MFS, Santos FFS. A psicomotricidade e a educação física adaptada no desenvolvimento de crianças com transtorno do espectro autista. *Braz J Dev*. 2020;6(5):27179-92.
8. Matos AH, Lopes KF, Barban NV. A importância da psicomotricidade na educação infantil. *Rev Diálogos Acad IESCAMP*. 2021;5(1):40-54.
9. Fontes VAM, Lima LS, Almohalha L, Couto CR, Santos SP. Coordenação motora de crianças com transtorno do espectro autista: efeitos de um programa de jiu-jitsu. *Braz J Sci Mov*. 2020;29(1).
10. Andrión PR, Silva LMB, Moura DC, Pacheco GF. Transtorno do espectro autista e educação física

escolar: revisão sistemática de literatura. *Rev Assoc Bras Ativ Mot Adapt*. 2021;22(1):175-94.

11. Frimaio FFA, Santos JF, Cardoso R, Almeida VL. Competências socioemocionais na educação física escolar: um caminho para a inclusão. In: *Educação especial e inclusiva: perspectivas e reflexões contemporâneas*. 2024. p.153.
12. Costa JA, Almeida CR, Gomes LF, Pereira AB. A Base Nacional Comum Curricular e a inclusão na Educação Física escolar: relações (im)possíveis? *Rev Mosaico*. 2024;15(1):168-80.
13. Kilroy E, et al. Motor performance, praxis, and social skills in autism spectrum disorder and developmental coordination disorder. *Autism Res*. 2022;15(9):1649-64.
14. Crucitti J, Hyde C, Stokes MA. Hammering that nail: varied praxis motor skills in younger autistic children. *J Autism Dev Disord*. 2020;50:3253-62.
15. Serrada-Tejeda S, et al. Influence of ideational praxis on the development of play and adaptive behavior of children with autism spectrum disorder: a comparative analysis. *Int J Environ Res Public Health*. 2021;18(11):5704.
16. Dimitrios S, Kiriakos T, Travlos KA, Siafaka V, Skordilis E, Foteini C, et al. Factors influencing the social-emotional behavior of children with autism: the influence of psychomotor clumsiness. *Eur J Spec Educ Res*. 2024;10(7).
17. Zourmand G, Pavlović R, Taheri M. The effect of school games on motor skills development in children with autism. *Ann Appl Sport Sci*. 2024;12.
18. Musiyenko OV, Chopyk RV, Kizlo NB. Influence of adaptive physical education on motor possibilities, behavior and quality of life of children with autism. *Health Sport Rehabil*. 2020;6(2):41-9.
19. Cadore C, Malysz KA, Dutra ACL, Meireles L. Avaliação do déficit de equilíbrio em crianças com transtorno do espectro autista. *Arq Cienc Saude UNIPAR*. 2022;26(3):631-42.